

DESLENDO O MUNDO SE DESPEDAÇA: ACHEBE E A NÃO RESPOSTA A CONRAD

Ilauanna Teles Silva (UNEB)¹

Resumo: Um dos legados dos estudos pós-coloniais caracterizou-se pela noção de que a produção de literatura de países africanos após o período colonial fosse compreendida como uma expressão de resgate de representação mais genuína de um universo social, histórico, linguístico e cultural não mais mediada por uma estética eurocêntrica. A partir dessa premissa, o presente trabalho pretende examinar o romance *O mundo se despedaça* (*Things fall apart*, 1958) de Chinua Achebe, como uma leitura desviante da representação do sujeito africano do romance de Joseph Conrad, *O coração das trevas* (*Heart of darkness*, 1977). A hipótese de leitura a ser investigada centra-se no argumento de que, embora o romance de Achebe insista em se inscrever em uma matriz literária mais africana que europeia, no que tange sua estrutura diegética, ele não se distancia de uma tradição literária ocidental de representação realista pela literatura. Em sentido oposto, observamos que é justamente sobre a impossibilidade de representação do sujeito que se circunscreve o tema central do romance de Conrad. Para tanto, partiremos de um estudo bibliográfico, exploratório e analítico, tomando como embasamento teórico os postulados de Compagnon (1999) acerca do caráter mimético ou anti-mimético da literatura, relacionando-a com discussões de Tolstói (1898) e Goodman (1977), que abordam a finalidade e as possibilidades da expressão literária.

Palavras-chave: Representação; Literatura; Arte; Romance Africano.

O coração das trevas e a falácia da *mimesis* na literatura

O ensaio “An Image of Africa: Racism in Conrad’s Heart of Darkness”, escrito pelo ensaísta, poeta, romancista, professor e diplomata, o nigeriano Chinua Achebe, foi publicado em 1977 na terceira edição do livro editado e revisão por Robert Kimbrough, *Heart of Darkness, An Authoritative Text, background and Sources Criticism*², a fim de explicitar seu contra-argumento em relação a construção narrativa e das personagens apresentadas por Joseph Conrad na novela *O coração das trevas* (*Heart of Darkness*, 1902), na qual é identificada por Achebe, uma certa distorção na representação do sujeito africano. É importante destacar que, por conta da relevância de sua discussão no bojo do fenômeno contemporâneo teórico, literário conhecido como estudos pós-coloniais, inúmeras vezes, os argumentos do ensaio se tornam uma espécie de única chave de leitura

¹Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia, UNEB - Campus II, desenvolvendo pesquisa em estudos comparativos entre literatura e cinema, sob orientação do professor doutor José Carlos Felix. Contato: ilau_ts@hotmail.com.

²ACHEBE, Chinua. “An Image of Africa: Racism in Conrad's 'Heart of Darkness'” *Massachusetts Review*. 18. 1977. Rpt. in **Heart of Darkness, An Authoritative Text, background and Sources Criticism**. 1961. 3rd ed. Ed. Robert Kimbrough, London: W. W Norton and Co., 1988, pp.251-261.

para a novela de Conrad, e enfraquecendo quaisquer outras abordagens interpretativas sobre a narrativa. Ainda que este ensaio não tenha uma tradução oficial para língua portuguesa, é utilizado como referência em diversos trabalhos de pesquisadores da área de literatura colonial, pós-colonial e discussões afins, por esta razão, para melhor compreensão do leitor, foi feita uma tradução informal, que servirá de suporte para este texto. Ainda é importante enfatizar que essa constatação de uso do ensaio em questão como referência, se deu por uma pesquisa de estado da arte, isto é, foi feito um levantamento bibliográfico na plataforma online BANCO DE TESES E DISSERTAÇÕES DO PORTAL CAPES (<http://bancodeteses.capes.gov.br>) a fim de verificar pesquisas recentes de trabalhos científicos nas áreas de literatura pós-colonial no Brasil. Ao colocar na busca “An Image of Africa: Racism in Conrad's 'Heart of Darkness'”, com um recorte temporal de 2016 a 2018, totalizou cento e dezoito pesquisas, sendo estas, com filtros para Língua Portuguesa e Inglesa, na área de Letras, noventa e oito dissertações e vinte e oito teses, em que o maior índice de pesquisas foi no ano de 2017, com sessenta e três pesquisas; 2016 com quarenta e quatro; 2018 com, até então, onze pesquisas, todos filtrados na Área de Conhecimento em Teoria Literária com noventa e seis pesquisas, enquanto em Literatura Comparada foram encontradas vinte e duas. A área de avaliação identificou setenta e quatro pesquisas em Linguística e Literatura e quarenta e quatro pesquisas em Letras/Linguística. A área de Concentração reconheceu cinquenta e três pesquisas para Estudos Literários, quarenta e quatro de Teoria Literária e Literatura Comparada, vinte e uma somente em Literatura Comparada. Tais constatações só reforçam o referido ensaio como suporte em pesquisas, no Brasil, ainda que este não tenha uma tradução oficial, conforme já informado.

Retomamos que a novela alvo das críticas de Achebe é *O coração das trevas*, escrito pelo britânico de origem polaca, Joseph Conrad, lançado em 1889 e dividido em três partes na *Clackwood's Magazine*³. No entanto, ela foi publicada na versão final completa pela primeira vez somente em 1902^a, e partir de então, diversas outras publicações e edições foram lançadas. Conhecido como o *escritor do mar*, pelo envolvimento pessoal com histórias marítimas, Conrad nos traz uma novela de aventura narrada por entre territórios europeus e africanos, em que Marlow, o protagonista (e também um dos narradores, visto que são dois), estando no “Nellie”, um iate de cruzeiro,

³ Revista britânica fundada por William Blackwood, entre 1817 e 1980.

discorre a respeito de uma aventura, ocorrida em um pequeno barco sobre os rios Tâmis e Congo em busca de um comerciante de marfim, Kurtz, a quem seria o personagem principal, e que não dava notícias desde sua chegada no continente africano. A aventura entrecorta o processo de colonização europeia na África, o que confere espaço a discussões sobre racismo a partir da construção das personagens, que também é a maior característica notada por Achebe, e enfatizada em seu ensaio, uma vez que para o mesmo, um autor racista não produz, senão, personagens racistas.

Neste sentido, cabe enfatizar que o presente trabalho é parte da pesquisa de Mestrado, ainda em andamento, no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, intitulado temporariamente de “O coração das trevas e a falácia da *mimesis* na literatura”. Objetivando discutir o *locus* da representação em textos literários, em específico, a distorção de representação do sujeito africano em *O coração das Trevas*. Esta pesquisa está subdividida em três seções, em que a primeira nos apresenta a leitura de Chinua Achebe quanto a novela *O coração das trevas*, cujos argumentos centram-se nas evidências de racismo expostos em seu ensaio “An Image of Africa: Racism in Conrad’s Heart of Darkness”. A segunda seção reforça *O coração das trevas* como alicerce para uma leitura pós-colonial, assim como a sua relevância nos estudos literários contemporâneos. Além disso, esta seção ainda nos apresenta a potência de escrita de Conrad e como ela pode nos levar a outras possíveis e diversas leituras, além da feita por Achebe. A última seção, por intermédio de uma discussão unicamente teórica, discorre acerca dos impasses da representação, focando em uma literatura por meio da *mimesis*, ou por meio da representação de si própria, levando em conta as considerações primordiais de Compagnon (1999) quanto à função da literatura.

Evidências de racismo em *O coração das trevas*, apontadas por Chinua Achebe

Chinua Achebe, antes de acusar o racismo em *O coração das trevas*, relembra duas situações específicas que o impulsionaram a escrever o ensaio em questão, sendo a primeira no Departamento de Inglês da Universidade de Massachusetts, quando o autor e também professor, se deparou com um homem que achou curioso o fato de a África também ter literatura, que não imaginava que lá também “tinha dessas coisas” (Achebe: 1977, p.2). A segunda situação está pautada em duas cartas de alunos do ensino médio de Yonkers, Nova York. Em uma delas, relatou a alegria do aluno em conhecer o romance

O mundo se despedaça (*Things fall apart -1958*) do próprio Achebe. O que mais chamou atenção do autor, foi a alegria do jovem em conhecer uma “cultura diferente e estranha” (Achebe: 1977, p. 2). Tal afirmação evidenciou o desconforto sentido por Achebe, que argumentou quão estranhos são os diversos grupos sociais, incluindo o de origem do jovem, em Yonkers, e como era irônico ele ter que viajar até a África para identificar os costumes variados.

Os dois episódios assinalam a dimensão que a questão do racismo represente para Achebe, e ele conseguia identificar tal situação nas mais comuns atitudes dos brancos. O autor ainda argumenta que a culpa do racismo presente na carta pode advém da jovialidade e imaturidade do aluno, no entanto, existem “razões muito mais profundas e mais sérias” e somente a ignorância não justifica, já que mesmo um autor renomado, como Hugh Trevor Roper, também declarou que a história africana não existia. O que justificava tais episódios, seria uma necessidade constante de comparação entre a África e a Europa, em que a primeira servia de escudo para com a segunda, ou seja, ficava exposto em um lugar de negações de forma remota e até mesmo familiar.

Para Achebe, essa necessidade de comparação - pode ser identificada em um famoso romance de ficção europeia, sendo este, *O coração das trevas*. “O coração das trevas projeta a imagem da África como “o outro mundo”, a antítese da Europa, e portanto da civilização (...), (Achebe: 1977, p. 2). Não obstante, Achebe ainda acrescenta acerca da África: “um lugar onde a orgulhosa inteligência e refinamento do homem são finalmente ridicularizados pela triunfante bestialidade” (Achebe: 1977, p.3). Temos aqui, evidências apontadas por Achebe, de um texto pautado em uma visão estereotipada da África, desde seu início.

Apesar de Achebe reconhecer a importância literária na produção de Conrad, em especial o romance em foco, ele argumenta que a descrição de África apresentada por este está deturpada da realidade africana, e indica trechos e situações em que sua afirmação pode ser comprovada, sendo o primeiro deles a partir da comparação entre os Rios Tâmis e Congo,

O livro abre no rio Tâmis, tranquilo, descansando, pacificamente "no declínio do dia após séculos de bom serviço feito à raça que povoava suas margens". Mas a história real terá lugar no rio Congo, a própria antítese do Tamisa. O rio Congo é decididamente um rio não emérito. Não prestou serviço e não goza de pensão de velhice. Nos é dito que "subir aquele rio era como viajar de volta aos primórdios do mundo". (Achebe: 1997, p. 2)

A visão Achebiana revela que Conrad considera o rio Tâmisia como civilizado, por localizar-se em terras europeias e reforçar um ambiente leve e civilizado, principalmente por ter servido ao para embarcações e negociações para os europeus, conseqüentemente Achebe relaciona o rio Congo como primitivo, por ser este localizado na África e ser elucidado como um ambiente selvagem e escuro com indivíduos incivilizados às suas margens. Achebe ainda reforça que a África é apresentada por Conrad como “um outro mundo” enfatizando as oposições entre Europa e África. Para Achebe, a questão principal nem é o fato da comparação entre civilizado versus primitivo, “mas o indício oculto de parentesco, de ancestralidade comum” (Achebe, 1977, p. 2). Os rios, metaforicamente falando, apresentam ecos sugestivos, relacionando a escrita de Conrad, que não “passa de uma repetição constante, ponderada e ritualística de duas sentenças antitéticas, uma sobre o silêncio e outra sobre o frenesi” (Achebe: 1977 p.3).

Em seguida, Achebe aponta que o uso de determinados adjetivos foi previamente analisado e escolhido cautelosamente por Conrad, a fim de exprimir qualificações exatas ao ambiente africano. Isso é apontado em dois excertos específicos.

We can inspect samples of this on pages 36 and 37 of the present edition: a) it was the stillness of an implacable force brooding over an inscrutable intention and b) The steamer toiled along slowly on the edge of a black and incomprehensible frenzy (Achebe: 1977, p. 2)⁴

Achebe alega que a palavra *inscrutable* (inescrutável) poderia ser substituída por *unspeakable* (indescritível) ou até mesmo *mysterious* (misterioso). Compreendemos que para o escritor nigeriano, a escolha por inescrutável nos apresenta um jogo de palavras, na qual a mesma pode também significar impenetrável e incompreensível, dando a entender que aquele ambiente não era passível a ser adentrado. Posteriormente, quase uma página inteira da novela de Conrad nos é exposta por Achebe, que considera suas passagens “mais interessantes e reveladoras” uma vez que elas se referem às pessoas.

[...] vislumbramos paredes de junco, telhados de palhas pontiagudos, e uma precipitação de gritos, um turbilhão de braços negros - uma massa de mãos aplaudindo, de pés batendo, de corpos balançando, de olhos revirando, sob a dobra da folhagem pesada e imóvel. [...] Os homens

⁴ a) Era a quietude de uma força implacável pairando sobre uma inescrutável intenção (Conrad: 2006, p.62);
b) O vapor se arrastava vagarosamente às margens de um frenesi negro e incompreensível (Conrad: 2006, p.65)

pré-históricos estavam nos amaldiçoando, orando por nós, dando-nos as boas vindas - quem saberia? (Conrad: 2006, p. 64)

O que parece causar tamanha revolta em Achebe foi a forma de descrição dos nativos, como se não fossem pessoas, mas apenas “corpos, membros ou olhos revirando”. Além disso, até a forma de comunicação dos nativos soou pejorativa, como se estes fossem incapazes de pronunciar palavras, somente entoando sons estranhos. Ademais, Achebe alega o verdadeiro significado de **O coração das trevas** como “o fascínio que ele tem sobre a mente ocidental: “O que te emocionou foi o pensamento de sua humanidade - como a sua Feia”. (Achebe: 1977 p.3)

Achebe destaca que um dos poucos momentos em que o nativo é tratado como uma pessoa é quando Marlow fala sobre um fogueira, chamando-o de admirável e detalhando sua habilidade com a caldeira, no entanto, para ele, isso realça outra perspectiva racista de Conrad.

Como todos sabem, Conrad é romântico por um lado. Ele pode não admirar selvagens batendo palmas e batendo os pés, mas eles têm pelo menos o mérito de estar em seu lugar, ao contrário deste cão em uma paródia. Para Conrad, as coisas que estão em seu lugar são da maior importância. (Achebe: 1977, p. 2)

Ainda que haja uma descrição parcialmente bem vista aos olhos de Achebe, o fogueira é chamado de “espécie melhorada” e de “pobre diabo” (Conrad: 2006, p.66), o que faz Achebe considerar que a única razão de haver uma humanização deste nativo, é porque ele “tem o mérito de estar no seu lugar” e afirma que, para Conrad, é de grande importância que cada coisa esteja em seu lugar, isto é, haveria melhor local para aquele nativo, senão em uma caldeira? Achebe discute tanto sobre essa questão do lugar, que aponta outro excerto do romance que confirme sua alegação, afirma que os canibais (os nativos) são boa gente desde que estejam na própria terra, no seu próprio lugar. (Conrad: 2006 p.63), para tal, Achebe reforça “A tragédia começa quando as coisas saem do seu lugar habitual” (Achebe: 1977, p.4), um exemplo das coisas em seu lugar seria quando os negros regados a suor e demonstrando pelo olhar o sofrimento em puxar os remos, ofereciam conforto aos olhos de Marlow.

De todas as assertivas de Achebe, a que mais lhe parece inaceitável, é a de negação de fala dos Africanos. O autor acentua, diversas vezes, que, para Conrad, os africanos apenas grunhiam, pois “Claramente, não faz parte do propósito de Conrad conferir

linguagem às "almas rudimentares" da África" (Achebe: 1977, p. 6). O único momento em que um nativo se manifesta oralmente, é por meio da língua inglesa, o que é inaceitável para Achebe, que acredita que tal ação impulsiona a ação civilizatória europeia sobre a África.

"Catch 'im," he snapped with a bloodshot widening of his eyes and a flash of sharp teeth -- "catch 'im. Give 'im to us." "To you, eh?" I asked; "what would you do with them? "Eat 'im!" he said curtly. . . (Conrad: 1999, p. 49)⁵

O que Achebe nos arremete por meio do excerto acima, é que a suposta generosidade de Conrad ao incluir um discurso oral dos nativos, na verdade “constituem alguns de seus melhores ataques” (Achebe: 1977, p. 4), visto que as palavras saem inequívocas, como se estes fossem incapazes de falar corretamente. Isso pode ser identificado em outra situação, apontada por Achebe: "Mistah Kurtz -- he dead." É importante enfatizar que não é a apenas a ausência do verbo *is*⁶ que está em questão, nem mesmo a pronúncia da palavra *mister* (senhor), mas a forma inapropriada falada pelo nativo, isto é, uma notícia desse tipo, dada sem nenhum preparo ou emoção. Achebe, na verdade não ficou surpreso com tal comportamento, já que Kurtz "ocupou um lugar alto entre os demônios da terra", sendo estes demônios, os nativos.

Achebe comenta a possibilidade de que todas as expressões de racismo vistas no romance deveriam ser atribuídas a Marlow, o personagem, e não a Conrad, o escritor. No entanto, mais a frente, o próprio Achebe aponta algumas situações que o fazem discordar disso, por exemplo, a existência de dois narradores em **Coração das trevas**, em que Marlow além de protagonista, também é o narrador principal utilizando a estratégia de narração indireta, cujas considerações são expressas por meio de um narrador secundário, que fica às sombras. Para Achebe, a tentativa de Conrad “traçar um cordão de sanidade entre ele e o mal-estar moral e psicológico de seu narrador” (Achebe: 1977, p. 5) é falha, pois não existe um cuidado em referências que nos permita distinguir os personagens do próprio autor, e isso foi proposital, pois “não teria sido além do poder de Conrad fazer essa provisão se ele tivesse achado necessário”, conforme afirma Achebe. (Achebe: 1977,

⁵ ‘Pega *eles*’, ele rosou, com um olhar largo, injetado de sangue, e um lampejo dos seus dentes afiados, ‘Pega *eles*. Dá *eles pra nós*’. ‘Para vocês, é?’, perguntei, ‘e o que vocês variam com eles?’. ‘*Comê eles!*’, ele respondeu de forma curta.

⁶ A frase correta seria *He is dead* (ele está morto)

p. 5). Logo, pelo próprio gesto de espelhamento a verossimilhança entre a vida do autor e do narrador personagem (ambos com contato com o mar ainda na infância, desde leituras de livros até aventuras marítimas, além da relação direta com terras europeias e africanas, já que Conrad de fato já foi até o Congo), Achebe nos atesta que Conrad fala por meio de Marlow, e por esta razão, é referenciado como um racista. Segundo ele:

O ponto de minhas observações deve estar bem claro agora, a saber, que Joseph Conrad era um racista radical. O fato de essa simples verdade ser encoberta nas críticas ao seu trabalho se deve ao fato de que o racismo branco contra a África é um modo de pensar tão normal que suas manifestações passam completamente despercebidas. (Achebe 1977, p. 6)

O que temos aqui é a reafirmação sobre Conrad ser um racista, mediante a leitura feita por Achebe, que ainda reforça que esse racismo é tão comum, já que a África é vista “como cenário que elimina o africano como fator humano” (Achebe: 1977, p. 6), que os demais leitores não observam isso em **O coração das trevas**, e se por acaso observam, não acham que seja algo tão agressivo, como Achebe acredita ser. Ainda de acordo com o autor, o racismo de Conrad é tão extremo que o mesmo não consegue afastar isso de sua produção literária, como é visto no romance em questão. Ele ainda afirma que a desumanização do africano, reforça uma atitude lamentável e que não é recente, e é basicamente isso o que o romance celebra. Para tal, “se um romance que celebra essa desumanização, que despersonaliza uma parte da raça humana, pode ser chamado de uma grande obra de arte. Minha resposta é: não, não pode” (Achebe: 1977, p. 6), afirma Achebe. Dessa forma, entendemos que Achebe não reconhece **O coração das trevas** como uma grande obra, e conseqüentemente não reconhece Conrad como um grande escritor, ainda que no início do ensaio identifiquemos comentários a respeito da importância na produção artística de Conrad, que faz questão de enfatizar: “Retornarei a essa opinião crítica no devido tempo, porque isso pode modificar seriamente minhas suposições anteriores sobre quem pode ou não ser culpado em alguns dos assuntos que irei agora levantar. (Achebe 1977, p. 2). Desaprovação essa, que o autor não faz questão de esconder, e ainda deixa claro que dar crédito à escrita de Conrad, vai de encontro ao tipo de crítica que será feita no ensaio, visto que para o nigeriano, o racismo de Conrad o impede de fazer uma representação correta dos africanos. Notamos que Achebe leu Conrad sob uma chave de leitura racista e reduziu o romance a apenas isso. Por outro

lado, reforçamos que este ensaio ofereceu uma ascensão para Achebe na academia, pois ele ficou conhecido como um “crítico de peso” quanto a representação do sujeito africano neste romance específico de Conrad.

O que pode a literatura? A questão e os impasses da representação

Antes mesmo de iniciarmos a discussão sobre as possibilidades da literatura, precisamos nos ater tanto a complexidade do conceito quanto sua respectiva função. Existe uma tautologia deveras significativa a respeito da definição da literatura sua função, sendo ela “aquilo que se ensina e ponto final” (Barthes, 1888). No entanto, a determinação de um texto literário é bem mais complexa do que parece, uma vez que ele envolve “a ficção, a história, a filosofia, a ciência e, ainda, toda a eloquência” (Compagnon: 1999, p. 31). Outrossim, o envolvimento entre ficção e realidade/fato se torna questionável, conforme assinala Eagleton (2001), pois é necessária uma linha para definir a verdade histórica, da verdade artística, e nem sempre essa linha é suficiente delineada, tanto que chamamos de “novela” narrativas do real ao fictício.

Ademais, literatura também pode se dar por meio de quem a escreve, ou seja, se um escritor reconhecido escreve algo, tal obra é considerada um texto literário. No entanto, a classificação de um texto como literatura significa que existem “não literaturas”, baseada em uma “qualidade de escrita”, não clara ou não revelada. Ainda assim, como afirma o próprio Compagnon (1999, p. 34), cada texto é diferente do outro e produz uma reorganização das ideias apresentadas, por vezes até modificando o valor e o sentido do texto perante a tradição. Aristóteles (1449b *apud* Compagnon: p.28) nos apresenta uma teoria humanista, em que a literatura tem a função de enfatizar a beleza e os sentimentos humanos, a nível catártico, além da produção de conhecimento ao homem permitido apenas pela experiência literária, uma vez que “há um conhecimento do mundo e dos homens propiciado pela experiência literária” (Compagnon: 1999, p. 35). Já a partir do século XIX, com o declínio da teoria humanista, confere-se à literatura a função de promover uma moral social por meio da educação sentimental, inicialmente andando lado a lado com a religião, e posteriormente substituindo-a, a fim de ir de encontro a barbárie. No entanto, em meados do século XX, as questões políticas e sociais passaram a fazer parte da função literária, o que abarca a visão de Achebe, sendo esta, a manifestação e ou

representação de um povo/cultura por meio da literatura, daí remetemos-nos uma teoria essa deveras discutida na metade do século XVIII, mas já abordada desde a Poética de Aristóteles (1966), a *mimesis*, ou seja, “a imitação ou representação de ações humanas pela linguagem” (Compagnon, 1999, p. 38). A *mimesis* só passou a ser questionada pela teoria literária, ao se elucidar os termos significante, significado e representação. De acordo com Ferrara:

Toda representação é uma imagem, um simulacro do mundo a partir de um sistema de signos, ou seja, em última ou em primeira instância, toda representação é gesto que codifica o universo, do que se infere que o objeto mais presente e, ao mesmo tempo, mais exigente de todo processo de comunicação é o próprio universo, o próprio real. Dessa presença decorre sua exigência, porque este objeto não pode ser exaurido, visto que todo processo de comunicação é, se não imperfeito, certamente parcial. (Ferrara: 1986, p.7)

Ferrara nos lembra que por mais que tentemos utilizar toda a imagem da experiência do real, a sua codificação é apenas parcial, ou seja, não se é possível expor uma totalidade da experiência por meio de um texto literário, ou qualquer outra forma de expressão artística, ainda que por meio de seus símbolos, porque “esse objeto não pode ser exaurido”, e qualquer tentativa de representação de um objeto, é na verdade, a tentativa de concepção de uma representação. Além disso, existem várias representações possíveis para o real, deixando claro que essa realidade não é única, estagnada, ou ainda monolítica. Ferrara ainda atenta para o fato de que, a partir da metade do século XVIII, a literatura, assim como a arte, passou a ser vista como oposição à representação, mas encontrou seu fim em si mesma (daí a expressão *art sake for art*), cuja estética de escrita deve-se ser o único aspecto a ser considerado.

Philippe Hamon (1972) argumenta que foi o desenvolvimento da teoria literária que expôs o problema da representação, da referência ou da *mimesis*, mas que não podemos esquecer a dimensão de autoreferencialidade da literatura, e a partir daí, da sua relação com o autor, com o leitor, a intenção e com o mundo. (Compagnon: 1999, p.98). Se nos atentarmos às considerações de Pierce (1978), essa representação de mundo sempre existiu dentro da linguagem, porém, produzida por meio da significação, e conseqüentemente, da interpretação. Logo, toda e qualquer representação interdepende de quem lê e interpreta determinada obra, aliás, “o mundo sempre já é interpretado, pois a relação linguística primária ocorreu entre representações, não entre a palavra e a coisa, nem entre o texto e o mundo” (Compagnon: 1999, p. 99). Ademais, Barthes (1988) nos

afirma que o “representar” não é a função de uma narrativa, posto que esta não possui um ponto de vista “real”, mas é a linguagem por si só, que automaticamente substitui esse real, se realmente houvesse a necessidade de uma experiência do real.

De todas as tentativas de explicação e sobre a função ou funções da literatura, o que melhor a delinea é que “Talvez a Literatura seja definível não pelo fato de ser ficcional ou "imaginativa", mas porque emprega a linguagem de forma peculiar”. (Eagleton: 2001, p. 3), isto é, nem sempre importa o que está sendo falado, mas *como* está sendo falado. Uma das peculiaridades da literatura, é a sua linguagem, na qual Culler (2000, p. 35), acredita que a literatura propicia uma função, como integrar-se na rima, métrica, etc, o que nos leva a literariedade, e mais uma vez, voltamos à estrutura estética e formal de um texto.

Diante do exposto, reconhecemos *O coração das trevas* como um texto literário, principalmente pela inquestionável característica peculiar de sua escrita, sem falar que a atribuição literária nunca foi questionado por Achebe, apesar do mesmo considerar uma obra não grandiosa. O que o referido autor argumenta é que a ficção de Conrad não faz uma representação adequada ao povo citado por ela, já que para Achebe, um texto literário deve equivaler-se da cultura e suas representações e se apresentar como “um consenso social”, isto é, uma literatura que represente a realidade. Se Conrad, de alguma forma faz alguma crítica social e ele o faz, para Achebe ela é equivocada por não uma severa crítica à conjuntura do projeto colonialista europeu e, conseqüentemente, se torna preconceituosa. Mas nos cabe questionar se Conrad concordava com esse posicionamento quanto a funcionalidade da literatura, e se para ele, havia uma real possibilidade de uma representação da experiência.

Dessa forma, observamos que desde Aristóteles, existe uma tradição que o mundo é ou deveria ser representado pela literatura, e que a literatura é uma representação de si mesma, o que reforça a afirmação: “Retenhamos disso o seguinte: a literatura é uma inevitável petição de princípio. *Literatura é literatura*” (Compagnon:1999, p. 46). Ademais, nos é dito que quando lemos tentando enxergar a realidade, nos enganamos com a literatura, já que esta não é única e ou principal função da mesma. (Compagnon: 1999, p. 97). Isto nos faz repensar criticamente no posicionamento de Achebe, e até podemos afirmar que a sua cobrança, começa de uma brecha que não é dada por Conrad, que claramente aparenta valorizar mais a questão estética do texto, do que dar a ele uma

função representativa de algo e/ou alguém. Ele oferece a seus leitores um texto literário que enfatiza a própria linguagem chamando atenção tanto para suas potencialidades quanto suas limitações. Conforme afirma Compagnon (1999, p. 40), a linguagem literária é considerada opaca, conotativa, sistemática estética e formalista.

Terry Eagleton (2000, p.2) também concorda com a literatura empregada mais enquanto linguagem do que ficção ou imaginação. Dessa forma, observamos que Conrad, por meio de *O coração da Trevas*, pode ter objetivado várias coisas, mas aparentemente a questão representativa não estava entre elas, ao menos não no sentido de engajamento com uma tradição da estética realista que tanto esteve em voga ao longo do século XIX. A partir disso, quebra-se a crença que a Literatura Africana é a verdadeira matriz de África, pois a Literatura, na verdade, não tem como foco somente a representação, daí, Conrad oferece uma resposta a Achebe, antes mesmo de ele perguntar, que é o fato de realmente não ter essa representação. Se fossemos responder ao questionamento da função da literatura, diríamos, parafraseando Barthes, Literatura é representação, mas não só isso, literatura também é ela mesma, e ponto final.

Referências Bibliográficas

ACHEBE, Chinua. **An Image of Africa: Racism in Conrad's 'Heart of Darkness'** 1977. Disponível em:

https://polonistyka.amu.edu.pl/__data/assets/pdf_file/0007/259954/Chinua-Achebe,-An-Image-of-Africa.-Racism-in-Conrads-Heart-of-Darkness.pdf. Acesso em 10.05.18.

ACHEBE, Chinua. **O mundo se despedaça**. Tradução: Vera Queiroz da Costa e Silva; Introdução e glossário: Alberto da Costa e Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ACHEBE, Chinua. Named for Victoria, Queen of England. *In: Morning Yet On Creation Day: Essays*. London: Heinemann Educational Books, 1975.

ALENCASTRO, Luiz Felipe. Persistência de trevas. *in* CONRAD, Joseph. **Coração das trevas**. Trad. Sergio Flaskman. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. P.115-179.

ARISTÓTELES. **Poética**. Introdução, tradução e comentários de Eudoro de Sousa. Porto Alegre: Globo, 1966.

BARTHES, Roland. Reflexões a respeito de um manual. *In: O rumor da língua*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988, p. 35-59.

COMPAGNON, Antoine; MOURÃO, Cleonice Paes Barreto; SANTIAGO, Consuelo Fortes. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Belo Horizonte: UFMG, c1999.

CONRAD, Joseph. **Heart of Darkness**. United States: Modern Library Paperback edition, 1999.

CONRAD, Joseph. **O Coração das Trevas**. Trad. Luciano Alves Meira. São Paulo: Martin Claret, 2006.

CULLER, J. **Teoria literária**. São Paulo: Beca, 1999.

EAGLETON, T. **Teoria da Literatura**: uma introdução. 4.ed. Trad. Waltensi Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. **Leituras sem Palavras**, série Princípios, Ed. Ática, São Paulo, 1986.

GUIMARÃES, J. C. **O mundo de Joseph Conrad**. Revista Bula — Literatura e Jornalismo Cultural. 2008. Disponível em: <http://acervo.revistabula.com/posts/ensaios/o-mundo-de-joseph-conrad>. Acesso em 08.07.2018 às 22:56.

HAMON, Philippe. **Pour un statut sémiologique du personnage** (1972). In: Poétique du récit. Paris: Éd. du Seuil, 1977 (Col. Points)

PIERCE, Charles. S. **Écrits sur le signe**. Tra. fr. Paris: Éd. du Seuil, 1978.